

SPINARDI, Ledusha. **Risco no disco.** São Paulo: Luna Parque Edições, 2016.

Aline Rocha
(UFF)¹

**A VIDA ENTRE ALÔS, BEIJOS,
CACOS E DISCOS**
*LIFE AMONG HYS, KISSES,
BITS AND DISCS*

*não chore, honey, não chore
amanhã tem amorluc
amanhã tem revoluc
amanhã tem godard*

ledusha

¹Doutoranda em Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. *E-mail:* aline.rocha.oli@gmail.com

Há trinta e cinco anos, em 1981, Ledusha lançava seu primeiro livro, *Risco no disco*, uma composição breve, curta, certa, dessas de ler em rápidas viagens nos ônibus que atravessam o centro da cidade. A publicação saiu de forma independente – como era muito comum na dinâmica da produção poética carioca da época – na Coleção Capricho². Em comemoração ao trigésimo quinto aniversário do lançamento e como parte do projeto de reedição de livros de poesias esgotados, a recém-criada Luna Parque Edições, dirigida por Marília Garcia e Leonardo Gandolfi³ e dedicada à publicação de poetas contemporâneos, apresenta em nova edição o livro de estreia de certamente uma das mais interessantes poetas da chamada “geração marginal” (ou magistral, como prefere um de seus integrantes, Chacal), empreitada de grande relevância para a retomada e reformulação de questões sobre os escritos dos anos 1970 e 1980.

Além de *Risco no disco*, Ledusha publicou *Finesse e Fissura* (1984), na primorosa coleção “*Cantadas Literárias*” da Editora Brasiliense – que reuniu poetas como Ana Cristina Cesar, Alice Ruiz, Chacal, Caio Fernando Abreu, Paulo Leminski, entre outros –, *40 graus* (1990, Francisco Alves), *Exercícios de levitação* (2002, 7Letras), *Notícias da ilha* (2012, Letras). Foi também colunista da Folha de São Paulo entre os anos de 1996 e 2000 e teve poemas – como o “brilho no sangue”, cujo refrão aparece na epígrafe deste ensaio – musicados por Cazuza e Lobão.

Em cada uma das páginas de *Risco no disco* nos deparamos com versos de imensa vitalidade e que dialogam com o desbunde de toda uma geração ligada à contracultura e avessa ao conservadorismo comportamental e aos padrões convencionados para a arte. Podemos tomar o poema “eletricidade” como ponto de partida para esmiuçar as características mais significativas do livro e da poética de Ledusha.

eletricidade

como numa amorosa cantiga hoje com aquele espanto da
primeira dor acordei chorando rodando o apartamento

uma entrevista de godard na mão três fantasias na ca
beça o teto tão baixo fui até o centro lírico ulisse
s devorador de milk shakes em passos rápidos dizia p
ro espelho das vitrines alô marina vladý imitando aq
uele jeito do cabelo alto-falantes das lojas me arre
piam se alguém tocar seu corpo como eu não diga nada
por pouco não me sinto enamorada aí soprando um café
de máquina com a voz do rei na barriga caetano co
ração um espelho caixa de contatos mistérios no el
evador assobio uma canção me consola enquanto mamãe
faz tricô penélope distraída preciso sair de casa da
r um rolé nessa incompetência botar aspas nesse pri
ncípio do prazer que sem espaço impossível ser poeta
quando muito ressentido pois o mais não são nuvens e
sim pensamentos encobertos por detalhes encalhados.

Há, nele, assim como em vários outros poemas de *Risco no disco*, uma série de referências à cultura musical e cinematográfica dos anos 1970: a paradigmática canção de Caetano, “Alegria, alegria”; “a voz do rei” como uma menção a Roberto Carlos; a imagem dos cabelos de Marina Vlady, atriz francesa que estrelou filmes como “Duas ou três coisas que eu sei dela”, de Jean~Luc Godard, diretor que por sua vez é retomado também em um dos versos do poema (“uma entrevista de godard na mão”) e na capa do livro composta pela colagem de uma das cenas de “Acossado”, seu filme de estreia como diretor de longas-metragens. Heloísa Buarque de Holanda chamará, inclusive, o livro de “godardiano”, provavelmente por conta das estratégias narrativas descontínuas, da sensualidade, dos procedimentos de colagem e de articulação entre palavra/som/imagem. Trata-se mesmo de um livro cinematográfico, no estilo *nouvelle vague*, tanto no que diz respeito às diversas referências, quanto no que se refere à importância dada para a criação de cenas em movimento, como aquelas experimentais executadas em super-oito, formato fílmico de fácil manuseamento que nos anos 1960 e 1970 ajudou a explorar as possibilidades experimentais e amadoras do cinema.

Ainda em “eletricidade”, acompanhamos o percurso de uma subjetividade lírica que, impulsionada pelo espanto da primeira dor e num movimento circular (“rodando o apartamento”), semelhante ao da epopeia referenciada pelas figuras de Ulisses e Penélope, percorre a cidade, retorna para a casa e chega à conclusão de que precisa, finalmente, sair. A viagem mais emblemática da literatura ocidental é posta em consonância com o percurso que vai de seu apartamento rumo à experiência cidadina. Essa subjetividade é marcada pela fragmentação e pela paulatina diluição por entre os espaços que percorre, bem como pela dissolução de sua voz em outras vozes: o ruído descompassado dos alto-falantes, o eco de Roberto Carlos e Caetano. A “eletricidade”, que dá título ao poema, tem a ver com o fluxo de cargas em movimento que passa de um corpo a outro. Essa subjetividade que atravessa as cenas com rapidez (“em passos rápidos dizia pro espelho das vitrines”) e as bruscas interrupções que perpassam seu trajeto nos deixam também ofegantes com o percurso. É preciso tomar fôlego antes de percorrer o caminho do poema. Tal velocidade está associada aos elementos citadinos tão comuns à escritura de Ledusha, notáveis na figuração da prensa do café de máquina ou do elevador em substituição aos degraus.

Risco no disco é constituído por elementos híbridos. Como era característico a essa geração, os projetos literários se desdobravam para além do texto e almejavam uma conjunção entre texto, palavra, imagem, fotografias, objeto e vida. Os suportes são sobrepostos, a exemplo das diversas fotografias e cenas cinematográficas dispersas pelas páginas do livro, e o cânone é profanado e mesclado ao cotidiano, ao pop, ao rock, ou vira slogan, como ocorreu com o poema “new-maiakovski”, cujo verso “prefiro todty ao tédio” foi mencionado em diversos contextos por Cazuza e virou estampa de uma das camisetas com a qual sempre aparecia.

Tais poemas estão em constante processo de deslocamento e, assim como a própria poeta que viveu em ambas as cidades, percorrem o eixo Rio-São Paulo identificando suas cores com o olhar atento a suas imensidões nada sublimes. Esses deslocamentos não se limitam

apenas à geografia, pelo contrário, instauram-se também nos jogos memorialísticos e nos desvios dos pontos de vista executados durante o trânsito. Como no poema “janeiro”, no qual o corpo, aparentemente imóvel por detrás da janela, é ativo e reconstrói uma cidade ao lançar o seu olhar sobre ela. Logo no primeiro verso, o poema afirma que “são paulo não é pequena” e nos impele a tentar olhar junto a ele todo o bairro da Lapa. No entanto, a estrofe seguinte, que se desdobra para o ato banal de desembaraçar os cabelos, nos induz a pensar que São Paulo é grande sobretudo quando comparada à fragilidade das subjetividades que vivem nela ou do que a cidade, ela própria, interfere em suas construções.

são paulo não é pequena
para os que se amam.
da janela, toda a lapa.

desembaraço o cabelo
formulo banalidades
são tantas luzes luzindo
no calor dessa cidade
[...]

No poema “na cauda dum cometa”, podemos imaginar, “pela velocidade das árvores”, o corpo se deslocando em alta velocidade pela baía de Guanabara, rabiscando seu próprio trajeto assim como rabisca o poema e, dessa maneira, colocando em paralelo o movimento e a escritura. Há um jogo entre a mobilidade e a imobilidade construído a partir do olhar, já que não são as árvores que transitam em velocidade, mas é este o efeito proposto e que, por um lado, rasura a paisagem e, por outro, nos aproxima do ponto de vista daquela que está ao volante.

pela velocidade das árvores
rabisco
baía solriso da guanabara

cores acima de tudo
velho verão roçando os meses
volto pra te buscar
& rio

Amores descompassados, paixões desencontradas, idas, voltas e o festejo dos corações de uma juventude cheia de vontade de criar junta. A referência à antiga empresa de telefonia de São Paulo, a Telesp, em “brilho no sangue”, é uma exaltação das conversas possíveis apesar das distâncias e uma celebração das tensões no intervalo entre o telefonema e o momento do beijo. O corpo em cacos, esfacelado – mas são tão leves os versos que nem é tão grave assim.

a vida entre alôs e beijos
os sábados na cidade
de telesp em telesp
o amor ti deixa em cacos
metade da mesada em fichas
todos os corações ocupados
[...]

Seus poemas, em sua maioria, não falam sobre o momento do encontro, mas sobre o que há entre o impulso que leva ao encontro e sua realização, ou ainda sobre a memória construída a posteriori; sempre numa tensão entre a alegria e a melancolia comuns à poética de Ledusha. Se por um lado a melancolia é oriunda do permanente adiamento da concretização do desejo e dos entraves que dificultam a ação, por outro, a alegria, formulada justamente a partir do que lhe falta, reinventa o melancólico positiva e criativamente, aprovando toda e qualquer forma de existência. Nos poemas de Ledusha, o humor regulará o tom ambíguo resultante desta tensão.

A escritura de Ledusha é também engajada ao feminismo, característica importante e salutar em toda sua poética, cuja crítica é

elaborada por meio da reconfiguração corpórea – que aqui é encarada em contiguidade com o espaço que ocupa –, da tematização da sexualidade, da satirização do homem, da desconstrução de estereótipos e da subversão de discursos pré-prontos sobre a intervenção feminina no mundo. Tudo isso, também, regulado pelo humor, que aparece como estratégia de questionamento da própria realidade, a exemplo do poema “de leve”, no qual a mulher, em sua corporeidade, é associada ao monstruoso e ao disforme, num gesto de descentralização da identidade.

feminista sábado domingo segunda terça quarta quinta e na sexta
lobiswoman.

O humor melancólico de Ledusha já fora apontado também por Gilberto Vasconcellos no apaixonado prefácio do livro:

Alto astral, a poesia da leda é de um humor incrível e um pouco melancólica, eu marquei quando quis tentar decifrá-la, eu ainda não sabia olhar... Hoje é diferente, hoje eu quero mais é curtir a poesia dela... o mistério eu deixo de lado.

Houve um intervalo de trinta e cinco anos entre a edição da Capricho e esta que sai agora pela Luna Parque. A poesia de Ledusha se revela como um jogo, uma brincadeira de mãos dadas com o outro, um girar vertiginoso ao ar livre. O risco do título oferece um mapa com as direções para a saída da zona de conforto e indica também uma fratura no material. Embora o disco riscado seja um problema para quem goste dele, a fratura provoca a descontinuidade, a interrupção temporária, mas não o silêncio total. Isso nos remete a uma musicalidade inesperada, talvez angustiante, e dissonante das demais referências do livro. O intervalo foi de trinta e cinco anos e retorna ao som do inesperado. O efeito sonoro de um disco riscado repetido em curtos intervalos pode ser uma festa sem fim.

Envio em: 30/11/2017

Aceite em: 15/02/2017

Notas

² Sobre essa coleção, ver o artigo de Heloisa Buarque de Holanda publicado no *Jornal do Brasil* em 16 de maio de 1981. Na ficha técnica da *Capribo* constavam os títulos: *Lago, Montanha e Festa*, de Francisco Alvim; *Cabeças*, de Eudoro Augusto; *Ossos do Paraíso*, de Afonso Henriques Neto; *Lavas de Pelica*, de Ana Cristina Cesar; *Último tapa*, Luis Olavo Fontes; *De mão em mão*, de Pedro Lage; *Risco no Disco*, de Ledusha; *Primeiras Olimpíadas Sociais*, de Zuca Sardana e João Padilha.

³ Marília Garcia é escritora, tradutora e doutora em Literatura Comparada. Foi co-editora da revista *Modo de Usar & Co.* e publicou *Um teste de resistores* (7Letras, 2014), *Paris não tem centro* (Megamini, 2015), entre outros. Leonardo Gandolfi é poeta e professor de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de São Paulo. Publicou *Escala Richter* (7Letras, 2015), *Minhas férias* (Lumme Editor, 2016), entre outros. Atualmente, ambos são editores da Luna Parque Edições.